ESTEREÓTIPOS SURDOS E AS PERCEPÇÕES DE IDENTIDADE: UMA ANÁLISE DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS *THAT DEAF GUY*, DE MATT E KAY DAIGLE

Tayana Dias de Menezes; Layse da Costa Santos; Nathalia da Costa Santos
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

RESUMO:
A relevância das histórias em quadrinhos para os estudos da identidade do povo surdo está na possibilidade de alcance, circulação e comunicação social do gênero, tornando-se um canal de propagação tanto dos elementos que caracterizam esse grupo social, como na reprodução de seus estigmas. As tirinhas de Matt Daigle mostram o dia a dia de uma família em que o pai é surdo e utiliza a Língua Americana de Sinais (American Sign Language – ASL) para comunicar e interagir com a sociedade, apresentando situações vividas pelo personagem. Neste artigo, apresentamos e analisamos uma seleção dos quadrinhos da série *That deaf guy,* à luz da perspectiva dos estudos da análise do discurso com base nos estereótipos, caracterizando os elementos de identidade que estão presentes nas tirinhas e que reforçam as noções convencionadas pela sociedade, concepções do ouvinte acerca do surdo, e do surdo pelo próprio surdo.

PALAVRAS-CHAVE:
Estereótipo; Identidade; Literatura; História em quadrinhos.

ABSTRACT:
The relevance of comics to studies of the identity of deaf people lies in the possibility of reach, circulation and social communication of the genre, becoming a channel of propagation both of the elements that characterize this social group, as well as the reproduction of their stigmata. Matt Daigle's comics show the day-to-day life of a family in which the father is deaf and uses the American Sign Language (ASL) to communicate and interact with society, presenting situations experienced by the character. In this article, we present and analyze a selection of comics from the That deaf guy series, in light of the perspective of discourse analysis studies based on stereotypes, characterizing the elements of identity that are present in the strips and reinforce the notions agreed upon by society, conceptions of the deaf, and of the deaf by the deaf himself.

KEYWORDS:
Stereotype; Identity; Literature; Comics.

INTRODUÇÃO

O estudo acerca dos estereótipos sociais dentro do campo de conhecimento da psicologia social tem trazido novas perspectivas para as pesquisas de constituição de identidades e discursos. A reprodução desses estereótipos pode influenciar nas percepções da sociedade, de grupos sociais como os surdos, por exemplo. Paralelamente, os estudos culturais surdos vêm discutindo e classificando as identidades surdas. Cabe aqui nesta pesquisa compreender que o povo surdo é composto não por única identidade, mas, identidades que sofrem influências dos estereótipos e crenças que contribuem para a sua representação na sociedade.

Nesse sentido, os gêneros discursivos, como a história em quadrinhos podem favorecer crenças, e devido ao alcance e circulação social, servirem como propagadores de estereótipos (positivos ou negativos). As tirinhas mostram que os discursos contidos são frutos da memória coletiva dos ouvintes acerca dos surdos e também dos surdos pelos próprios surdos.

A história em quadrinhos, como demais textos de circulação e alcance social, revela sua influência no interlocutor expondo intrinsicamente estereótipos que podem propagar-se como fruto de discursos aceitos como verdade. Compreendemos que os estereótipos podem moldar comportamentos dos grupos sociais. Trazendo para a realidade do sujeito surdo ainda está inerente e enfatizada a deficiente como alguém acometido por um mal e que consequência é incapaz de atuar na sociedade, exercer seus direitos sendo tratado com coitado.

Sendo assim, este estudo tem como objetivo identificar como os discursos (re) construídos por meio das histórias em quadrinhos *That deaf guy,* de Matt e Kay Daigle, expõe os estereótipos surdos que fazem parte de crenças sociais. Analisaram elementos de identidade, presentes nas tirinhas observando as noções convencionadas pela sociedade. Partimos de uma pesquisa bibliográfica acerca do estudo dos estereótipos sociais e a relação com o estudo da identidade surda, do tipo descritiva e explicativa. Assim, foram selecionados e analisados três tirinhas da série americana intitula *That deaf guy* e descritos os estereótipos de acordo com a classificação de Kruger (2004).

LÍNGUA, IDENTIDADES E O SURDO

Historicamente, os surdos ocuparam um lugar estigmatizado na sociedade, considerados incapazes e de menor importância. O status social firmava-se em uma capacidade oral, considerada primordialmente humana. Se a comunicação humana oral é a única compreensível, logo os surdos foram enquadrados na "anormalidade".

Analisando a trajetória dos surdos na sociedade, percebemos a evidencia e

reafirmação da deficiência e da incapacidade. Segundo Strobel (2009) desde a antiguidade os surdos foram vistos como sujeitos inferiores. Na idade média eram impedidos de receberem comunhão e casarem, pois, a confissão dos seus pecados e arrependimento não podia acontecer de forma oral. Além disso, os direitos civis e o recebimento de heranças eram negados em virtude de leis.

Assim, todo o processo vivenciado pelos surdos indica a noção convencionada da deficiência como algo incapacitante. Observando a particularidade do sujeito surdo em comparação com outras deficiências temos a língua de sinais como um dos instrumentos de reafirmação de sua identidade surda.

Neste cenário, a comunidade surda apropria-se da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para reafirma-se enquanto povo e identidade cultural, em uma sociedade ouvinte. A língua, reconhecida legalmente em 24 de abril de 2002 (Nº 10.436) explicita a "natureza visual-motora e a sua gramática própria, constituindo um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos". (BRASIL, 2002).

Dessa ideia, Santana e Bergamo (2005, p.566) reflete que:

> A defesa e a proteção da língua de sinais, mais que significar uma auto-suficiência e o direito de pertença a um mundo particular, parecem significar a proteção dos traços da humanidade, daquilo que faz um homem ser considerado homem: a linguagem. (SANTANA E BERGAMO, 2005, p.566).

Assim, compreendemos que a língua de sinais apresenta-se enquanto instrumento de pertença para a comunidade surda por finalmente ser compreendida enquanto expressão do pensamento e das particularidades do individuo surdo. A identidade parte das manifestações de um povo, que compartilha os artefatos pertencentes e que reafirmam o diferente. Os artefatos nesse sentido são toda a produção de um povo. Consideramos que ser humano define sua existência e essência a partir das relações construídas dentro dos grupos de pertença, estabelecendo assim uma identidade local que caracterizará as suas particularidades. (LARAIA, 2002).

O estudo da identidade é amplamente debatido pelas ciências sociais. Hall (2006, p.38) ressalta importantes características da identidade, no sentido de reforçar a imutabilidade da identidade:

> Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". (HALL, 2006, p.38)

Assim, acreditamos que as identidades surdas estão em processo, está em formação. Quando o surdo convive com a comunidade surda, e apreende e se redescobre dentro de uma sociedade ouvinte. O teórico Skliar (1998, p.7) abordando politicamente as visões de ser surdo reflete:

> Foram mais de cem anos de práticas enceguecidas pela tentativa de correção, normalização e pela violência institucional; instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer grupo de sujeitos. (SKLIAR, 1998, p. 7)

Dessa maneira, o relato do autor nos faz pensar que o que foi vivido a cem anos, reflete no momento atual, no processo de construção das identidades surdas como estereótipos. Como veremos a seguir, estereótipos esses que normatizam o povo surdo rotulando como: inferior, que não possui uma língua, uma comunidade e uma identidade.

O ESTUDO DOS ESTEREÓTIPOS SOCIAIS

Sendo investigado no campo da psicologia social, o estudo dos estereótipos tem contribuído para a análise da relação entre cognição, estereótipo e preconceito. De acordo com Silva (1998, p. 62), "O estereótipo como tal é uma ideologia, um esforço de contemplação da fluidez, da indeterminação, da incerteza da linguagem, do social." Dessa forma, de acordo com o autor, não representa a realidade vivenciada pelo diversos sociais. Kruger (2004, p. 36-37) ainda define o estereotipo social como: "crença coletivamente compartilhada acerca de algum atributo, característica ou traço atribuído a um agrupamento humano.".

Assim, essa crença é fruto de ideologia de um grupo acerca de outro, ou do próprio grupo sobre si mesma. O autor revela que os estereótipos podem influenciar no comportamento dos grupos, uma vez que condicionam e exercem domínio nas condutas, na tentativa de enquadrar-se no padrão imposto pelos grupos majoritários.

Trazendo para este trabalho, vemos os discursos de deficiência exercidos por uma sociedade majoritariamente ouvinte. Ou seja, é o estereotipo da anormalidade, da estranheza e da língua incomum. Contanto, na contra mão surgem os movimentos de identidade e reafirmação cultural da surdez como povo, língua e comunidade.

Esse estudo, como já explicita, versa apenas sobre os estereótipos sociais,

existindo outras classificações de como: gênero, econômico e étnico. Assim, Kruger (2004, 37) classifica os estereótipos sociais em:

- Auto-estereótipos: Crenças de um determinado grupo sobre se mesmo;
- Hetero-estereótipos: Crenças de um grupo sobre o outro.

Quanto à qualidade dos estereótipos eles podem ser negativos ou positivos. Ainda podendo ser mais complexa se acrescentamos variáveis como intensidade. Podendo ser investigados desde o momento de surgimento (onde e porque) até a manifestação na coletividade e as consequências desses estereótipos nas relações.

O autor pesquisador Kruger (2004) ainda reflete que associados aos sentimentos podem influenciar nas atitudes e gerar outra categoria, o preconceito social. Assim, dependendo dos estereótipos gerados, provocam sentimentos negativos ou positivos no grupo social. Sendo assim, se os estereótipos são de ordem positiva, provocam a valorização e aceitação. Contudo, estereótipos negativos podem gerar o preconceito social.

SOBRE *THAT DEAF GUY,* DE MATT E KAY DAIGLE

Trata-se de uma série de quadrinhos acerca do dia-a-dia de uma família bilíngue, em que o pai (Desmond) é surdo, interagindo com o filho e a esposa ouvintes na língua de sinais americana (ASL). As histórias são representações do próprio autor Matt Daigle e de sua esposa roteirista. Matt, sujeito surdo, é cartunista, designer e ilustrador. Morando na Califórnia com a sua esposa Kay e seu filho ouvinte, desenha e escreve os quadrinhos como aspecto de sua história de vida.

Em entrevista concedida ao jornal britânico Hearing News (2012) afirmou que as histórias partiram da experiência de sua família com "colaboração auditivo-surdo". Nesse sentido, o autor afirma que as vivências retratadas nas tirinhas retratam não só, a visão de mundo do autor enquanto surdo, mas, também de sua esposa e filhos ouvintes, enquanto participantes de duas culturas: uma ouvinte e a outra surda.

Criada em 2010, são veiculadas como *webcomics* e podem ser encontradas no endereço eletrônico http://www.thatdeafguy.com/. Com o avanço da tecnologia e o maior acesso ao ciberespaço surgiram as *webcomics*. *Webcomics* trata-se de histórias em quadrinhos produzidas e veiculadas diretamente na internet, por meio de blogs e sites. Para Batista (2011) esse gênero foge da necessidade de intervenção de grandes corporações e estreita as relações entre os interlocutores (quem produz e consome HQ's).

O SUJEITO SURDO NAS TIRINHAS DE MATT E KAY DAIGLE

De acordo com Perlin (1998, p. 54): "a noção de surdo está diretamente ligada a estereótipos em muitas formas." Quando a autora refere-se a estereótipos dos surdos, evidencia algo que muitas vezes impede ou dificulta a aceitação da identidade surda**.** Sendo assim, neste estudo selecionamos as tirinhas que apresentam estereótipos negativos e classificamos de acordo com as duas categorias principais elencadas por Kruger (1994) auto-estereótipos (a que se dirige ao grupo que o individuo pertence) e hetero-estereótipos (que indica um grupo distinto).

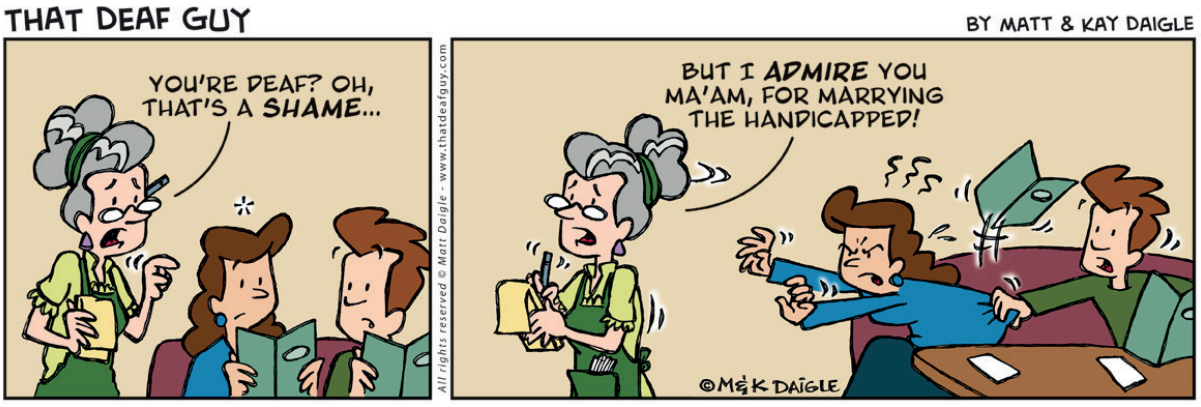
Estudos acerca dos estereótipos surdos ainda são bastante recentes, portanto torna-se necessário compreender quais são, e como podemos identifica-los através dos gêneros de circulação social.

Apresentamos as tirinhas, seguidas da análise e classificação quanto ao estereótipo:

Categoria 1 – Hetero-estereótipos negativos: crenças ouvintes acerca da normalidade, estranheza e curiosidade em ser surdo.

TIRINHA 1

Neste quadrinho o autor, por meio do discurso (re) construído da garçonete, expõe uma crença que circula na sociedade, especialmente, entre os que desconhecem o universo da surdez; "Você é surdo? Isso é uma pena...". O sujeito surdo é tratado como um coitado; como alguém acometido por um mal/ desgraça e, portanto, digno de pena.



Já o sujeito que decide unir-se ao surdo é encarado como alguém digno de admiração. O quadrinho (re) constrói, por meio dos personagens, discursos e crenças que circulam amplamente na sociedade: o surdo categorizado como deficiente, ou seja,

um sujeito incapaz, limitado e digno de pena; o outro encenado pela sua esposa ouvinte que, distinguindo-se do surdo, é considerado um sujeito capaz e o protótipo da regra social e a garçonete, sujeitos que desconhecem aspectos ligados ao universo do surdo e da surdez e reproduzem um discurso preconceituoso.

Como visto no estudo dos estereótipos sociais, esse estigma negativo representa muito mais do que uma simples rotulação, parte para o campo do preconceito social. Devido aos avanços tecnológicos e medicinais o surdo ganhou autonomia. As lutas e os movimentos sociais contribuíram para o ganho nos direitos da pessoa surda, podemos encontrar o surdo nos diversos espaços. Porém, como mostra o quadrinho o surdo ainda é visto como deficiente e incapaz. É preciso cada vez mais acabar com esse estereótipo de pena e coitado, pois a realidade mostra-se diferente: sujeito atuante, político e capaz de exercer sua autonomia pessoal e profissional.

TIRINHA 2

Inicialmente, no texto, o menino pergunta ao pai “por que as pessoas nos encaram”. É interessante notar que a criança – ator social em desenvolvimento e aprendizagem das normas; regras e crenças sociais – nota a estranheza causada por ele e seu pai aos olhos dos outros e por isso sempre são observados no convívio social. O pai de Cedric responde que “a língua de sinais é muito visual. Então as pessoas a acham fascinante”, em contrapartida Cedric responde “então aquelas pessoas são fascinantes. Por que eles não estão encarando-os?”.

Vale, a princípio, ressaltar que os julgamentos feitos à língua são, na verdade, julgamentos sociais direcionados aos falantes da mesma. Cedric nota a estranheza nos olhos dos outros, não apenas direcionado à Língua de sinais, mas antes, direcionada ao sujeito surdo dentro de uma sociedade majoritariamente ouvinte. No último quadrinho, há uma comparação entre a língua de sinais, ou seja, entre o sujeito surdo e os sujeitos sentados a direita de Cedric: tatuados; com piercing; roupas com caveira estampada; cabelos coloridos e moicano, isto é, indivíduos adeptos ao estilo punk – um

estilo mais agressivo porque tem como objetivo apresentar elementos contestadores ou ofensivos aos valores aceitos socialmente, em outras palavras, um sujeito que procura se diferenciar do socialmente aceito. Apesar desses sujeitos deliberadamente procurarem se afastar do que seria considerado como regra social, a língua de sinais e os surdos ainda causam mais estranheza aos olhos daqueles que compõe o seio da sociedade majoritária, os ouvintes.

Categoria 2 – Hetero-estereótipos negativos – crenças ouvintes acerca da língua de sinais

TIRINHA 3

Como já foi dito na categoria anterior; os julgamentos sociais direcionados a língua são, de fato, direcionados aos seus falantes. Muitos dentro da comunidade ouvinte acreditam que língua de sinais não é uma língua, ou seja, uma atividade social e um sistema composto por regras estruturais em diversos níveis: morfológico; sintático; fonológico etc. No quadrinho acima, a caixa categoriza a língua como “legal”; “super” e “fácil” porque aprende alguns sinais que são icônicos o que poderia sugerir que não se trata de uma língua complexa, mas de uma pantomima.

No entanto, ao construir dizeres mais complexos (textos e não palavras soltas), a caixa sente dificuldade para compreender o que está sendo dito. As palavras finais do personagem Cedric; “Não tão super, fácil, não é?”, mostram que língua de sinais, assim como qualquer outra língua, quando conhecida em profundidade, mostra-se tão complexa como qualquer outro sistema linguístico.

As situações apresentadas nas tirinhas mostram que os discursos representados mostram o olhar e a vivência dos surdos, especificamente a série *That deaf guy*, representa o lugar de fala do surdo, na representação do autor enquanto sujeito surdo que convive com ouvintes, causando identificação entre os pares surdos.

Apesar das tirinhas serem frutos de uma cultura surda americana, é possível

haver a identificação com as situações vividas pelo personagem e sua família, pois, muitos surdos são filhos de pais ouvintes e convivem majoritariamente nessa sociedade que pouco conhece sobre identidade e a língua de sinais. Os ouvintes em sua maioria reproduzem os estereótipos muitas vezes por falta de conhecimento e vivência com o individuo surdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desse estudo revela que os discursos (re) construídos das tirinhas de Matt e Kay Daigle revelam ideologias e crenças que decorrem de noções convencionadas dos surdos pelos ouvintes. Percebeu-se que os estereótipos versam nas crenças ouvintes que: o surdo é um sujeito incapaz, a língua enquanto constituinte do sujeito é inferior, de menor valor. O surdo é visto com estranheza e anormalidade. Essas tirinhas causam nos surdos empatia, apesar de serem frutos de estereótipos dos ouvintes acerca dos surdos, representam as situações em que eles vivem em seu cotidiano.

Ressaltamos que as tirinhas são estruturadas da visão de um surdo, ou seja, do lugar de fala do individuo que convive com essas noções de estereótipos. Assim, percebemos que elas podem ser porta vozes do dia-a-dia do que o sujeito surdo enfrenta mediante a sociedade majoritariamente ouvinte.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KRÜGER, H. Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In: PEREIRA, M. E (Org). **Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas** Salvador: EDUFBA, 2004, v.1. p.300.

LARAIA, R.B. **Cultura**: um conceito antropológico. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. (Coleção antropologia social).

SANTANA, A.P; BERGAMO, A. Cultura e identidades surdas: encruzilhadas de lutas sociais e teóricas. **Revista Educ. Soc**, Campinas, vol. 26, n.91, p. 565-582, Maio/Ago.2005.

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez** – um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 51-73.

SILVA, T.T. **Contrabando, incidentes de fronteira**: ensaios de estudos culturais em educação. Porto Alegre, 1998.

SKLIAR, C**. A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto alegre: Mediação, 2010.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Porto Alegre: Ed UFSC, 2009.